

opusdei.org

São Pedro: Pescador, Apóstolo e Rocha

O Papa Bento XVI dedicou várias catequeses a considerar o mistério da Igreja, procurando ver através das pessoas o que significa viver a Igreja, o que significa seguir Jesus, começando por São Pedro

07/06/2006

17 de maio de 2006: Pedro, o pescador

24 de maio de 2006: Pedro, o apóstolo

7 de junho de 2006: Pedro, a rocha sobre a qual Cristo fundou a Igreja

Pedro, o pescador

Amados Irmãos e Irmãs,

Na nova série de catequeses começamos antes de tudo a compreender melhor o que é a Igreja, qual é a ideia do Senhor sobre esta sua nova família. Depois dissemos que a Igreja existe nas pessoas. E vimos que o Senhor confiou esta nova realidade, a Igreja, aos doze Apóstolos. Agora queremos vê-los um por um, para compreender nas pessoas o que significa viver a Igreja, o que significa seguir Jesus. Começamos com São Pedro.

Depois de Jesus, Pedro é a personagem mais conhecida e citada nos escritos neotestamentários: é mencionado 154 vezes com o cognome de *Pétros*, "pedra", "rocha", que é a tradução grega do nome

aramaico que lhe foi dado diretamente por Jesus *Kefa*, afirmado nove vezes sobretudo nas cartas de Paulo; depois, deve-se acrescentar o nome frequente *Simòn* (75 vezes), que é a forma helenizada do seu original nome hebraico *Simeon* (2 vezes: *Act* 15, 14; *2 Pd* 1, 1). Filho de João (cf. *Jo* 1, 42) ou, na forma aramaica, *bar-Jona*, filho de Jonas (cf. *Mt* 16, 17), Simão era de Betsaida (cf. *Jo* 1, 44), uma cidadezinha a oriente do mar da Galileia, da qual provinha também Filipe e naturalmente André, irmão de Simão. O seu modo de falar traía o sotaque galileu. Também ele, como o irmão, era pescador: com a família de Zebedeu, pai de Tiago e de João, dirigia uma pequena empresa de pesca no lago de Genesaré (cf. *Lc* 5, 10). Por isso devia gozar de um certo bem-estar econômico e era animado por um sincero interesse religioso, por um desejo de Deus (ele queria que Deus interviesse no mundo), um desejo

que o estimulou a ir com o irmão até à Judeia para seguir a pregação de João Batista (cf. *Jô* 1, 35-42).

Era um judeu crente e praticante, confiante na presença ativa de Deus na história do seu povo, e sofria por não ver a sua ação poderosa nas vicissitudes das quais ele era, naquele momento, testemunha. Era casado e a sogra, curada um dia por Jesus, vivia na cidade de Cafarnaum, na casa na qual também Simão vivia quando estava naquela cidade (cf. *Mt* 8, 14 s; *Mc* 1, 29 s; *Lc* 4, 38 s).

Recentes escavações arqueológicas permitiram trazer à luz, sob a pavimentação em mosaicos octogonais de uma pequena igreja bizantina, os vestígios de uma igreja mais antiga existente naquela casa, como afirmam os grafites com invocações a Pedro. Os Evangelhos informam-nos que Pedro é um dos primeiros quatro discípulos do

Nazareno (cf. *Lc* 5, 1-11), aos quais se junta um quinto, segundo o costume de cada Rabino de ter cinco discípulos (cf. *Lc* 5, 27: chamada de Levi). [Ver artigo sobre Cafarnaum, a cidade de Jesus]

Quando Jesus passa de cinco para doze discípulos (cf. *Lc* 9, 1-6), será clara a novidade da sua missão: Ele já não é um entre tantos rabinos, mas veio para reunir o Israel escatológico, simbolizado pelo número doze, como doze eram as tribos de Israel.

Simão aparece nos Evangelhos com um caráter decidido e impulsivo; ele está disposto a fazer valer as próprias razões também com a força (pense-se no uso da espada no Horto das Oliveiras: cf. *Jo* 18, 10 s). Ao mesmo tempo, por vezes é também ingênuo e medroso, e, contudo, honesto, até ao arrependimento mais sincero (cf. *Mt* 26, 75). Os Evangelhos permitem seguir passo a passo o seu

itinerário espiritual. O ponto de partida é a chamada da parte de Jesus. Acontece num dia qualquer, enquanto Pedro está empenhado no seu trabalho de pescador. Jesus encontra-se junto do lago de Genesaré e a multidão reúne-se à sua volta para o ouvir. O número dos ouvintes gera uma certa confusão. O Mestre vê duas barcas ancoradas à margem; os pescadores desceram e lavam as redes. Então Ele pede para entrar na barca, na de Simão, e pede-lhe que se faça ao largo. Sentado naquela cátedra improvisada, da barca, começa a ensinar à multidão (cf. *Lc 5, 1-3*). E assim a barca de Pedro torna-se a cátedra de Jesus. Quando terminou de falar, diz a Simão: “Faz-te ao largo e lança as redes para a pesca”. Simão responde: “Mestre, trabalhamos durante toda a noite e nada apanhamos; mas, porque tu o dizes, lançarei as redes” (*Lc 5, 4-5*). Jesus, que era um carpinteiro, não era perito em pesca:

mas Simão, o pescador, confia neste Rabino, que não lhe dá respostas, mas o chama a ter confiança. A sua reação diante da pesca milagrosa é de admiração e de trepidação: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador” (*Lc 5, 8*). Jesus responde convidando-o a ter confiança e a abrir-se a um projeto que ultrapassa qualquer sua perspectiva: “Não tenhas receio; De agora em diante, serás pescador de homens” (*Lc 5, 10*). Pedro ainda não podia imaginar que um dia teria chegado a Roma e seria nessa cidade “pescador de homens” para o Senhor. Ele aceita esta chamada surpreendente, de se deixar envolver nesta grande aventura: é generoso, reconhece os seus limites, mas crê n'Aquele que o chama e segue o sonho do seu coração. Diz sim – um sim corajoso e generoso – e torna-se discípulo de Jesus.

Pedro vive outro momento significativo no seu caminho espiritual nas proximidades de Cesareia de Filipe, quando Jesus faz aos discípulos uma pergunta concreta: “Quem dizem os homens que Eu sou?” (*Mc* 8, 27). Mas para Jesus não era suficiente a resposta do ter ouvido dizer. Daqueles que aceitaram comprometer-se pessoalmente com Ele pretende uma tomada de posição pessoal. Por isso insiste: “E vós, quem dizeis que Eu sou?” (*Mc* 8, 29). Responde Pedro também em nome dos outros: “Tu és o Messias” (*ibid.*), isto é, Cristo. Esta resposta de Pedro, que não veio “da carne e do sangue” dele, mas foi-lhe concedida pelo Pai que está no céu (cf. *Mt* 16, 17), tem em si como que em germen a futura confissão de fé da Igreja. Contudo, Pedro ainda não tinha compreendido o conteúdo profundo da missão messiânica de Jesus, o novo sentido desta palavra: Messias.

Demonstra-o pouco depois, deixando compreender que o Messias que persegue nos seus sonhos é muito diferente do verdadeiro projeto de Deus. Perante o anúncio da paixão escandaliza-se e protesta, suscitando uma reação enérgica de Jesus (cf. *Mc* 8, 32-33). Pedro quer um Messias “homem divino”, que cumpra as expectativas do povo impondo a todos o seu poder: é também nosso desejo que o Senhor imponha o seu poder e transforme imediatamente o mundo; Jesus apresenta-se como o “Deus humano”, o servo de Deus, que altera as expectativas da multidão encaminhando-se por uma via de humildade e de sofrimento. É a grande alternativa, que também nós devemos aprender sempre de novo: privilegiar as próprias expectativas recusando Jesus ou acolher Jesus na verdade da sua missão e abandonando as expectativas demasiado humanas.

Pedro impulsivo como é não hesita em repreender Jesus separadamente. A resposta de Jesus abala todas as suas falsas expectativas, quando o chama à conversão e ao seguimento: “Afasta-te de mim, Satanás, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens” (*Mc* 8, 33). Não me indiques tu o caminho, eu sigo o meu percurso e tu põe-te atrás de mim.

Pedro aprende desta forma o que significa verdadeiramente seguir Jesus. É a sua segunda chamada, análoga à de Abraão em *Gn* 22, depois de *Gn* 12: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me! Pois quem quiser salvar sua vida a perderá; mas quem perder sua vida por causa de mim e do Evangelho, a salvará” (*Mc* 8, 34-35). É a lei exigente do seguimento: é preciso saber renunciar, se for necessário, ao mundo inteiro para salvar os

verdadeiros valores, para salvar a alma, para salvar a presença de Deus no mundo (cf. *Mc* 8, 36-37). Mesmo com dificuldade, Pedro aceita o convite e prossegue o seu caminho seguindo os passos do Mestre.

Parece-me que estas diversas conversões de São Pedro e toda a sua figura são de grande conforto e um forte ensinamento para nós. Também nós sentimos o desejo de Deus, também nós queremos ser generosos, mas também nós esperamos que Deus seja forte no mundo e transforme imediatamente o mundo segundo as nossas ideias, segundo as necessidades que vemos. Deus escolhe outro caminho. Deus escolhe o caminho da transformação dos corações no sofrimento e na humildade. E nós, como Pedro, devemos converter-nos sempre de novo. Devemos seguir Jesus em vez de o preceder: é Ele quem nos indica o caminho. Assim Pedro diz-nos: Tu

pensas que tens a receita e que deves transformar o cristianismo, mas é o Senhor quem conhece o caminho. É o Senhor que diz a mim, diz a ti: segue-me! E devemos ter coragem e humildade para seguir Jesus, porque Ele é o caminho, a Verdade e a Vida.

Roma, 17 de Maio de 2006

Pedro, o apóstolo

Queridos irmãos e irmãs!

Nestas catequese estamos meditando sobre a Igreja. Dissemos que a Igreja vive nas pessoas e, por isso, na última catequese, começamos a meditar sobre as figuras de cada um dos Apóstolos, começando por São Pedro. Vimos duas etapas decisivas da sua vida: a chamada junto do Lago da Galileia e, depois, a profissão de fé: “Tu és Cristo, o Messias”. Uma confissão, dissemos, ainda insuficiente, inicial e, contudo, aberta. São Pedro coloca-

se num caminho de seguimento. E assim, esta confissão inicial tem em si, como em gérmen, já a futura fé da Igreja. Hoje queremos considerar outros dois acontecimentos importantes na vida de Pedro: a multiplicação dos pães – ouvimos no trecho agora lido a pergunta do Senhor e a resposta de Pedro – e depois o Senhor que chama Pedro para ser pastor da Igreja universal.

Comecemos com a vicissitude da multiplicação dos pães. O povo tinha ouvido o Senhor durante horas. No fim, Jesus diz: estão cansados, têm fome, devemos dar de comer a este povo. Os Apóstolos perguntam: Mas como? E André, irmão de Pedro, chama a atenção de Jesus para um jovem que levava consigo cinco pães e dois peixes. Mas o que são para tantas pessoas, interrogam-se os Apóstolos. Mas o Senhor faz sentar as pessoas e distribuir estes cinco pães e os dois peixes e todos se saciam.

Aliás, o Senhor encarrega os Apóstolos, e entre eles Pedro, que recolham o que sobrou em abundância: doze cestas de pão (cf. *Jo 6, 12-13*). Sucessivamente o povo, vendo este milagre – que parece ser a renovação, tão esperada de um novo “maná”, do dom do pão do céu – deseja fazer dele o seu rei. Mas Jesus não aceita e retira-se para o monte para rezar sozinho. No dia seguinte, Jesus na outra margem do lago, na Sinagoga de Cafarnaum, interpretou o milagre – não no sentido de uma realeza sobre Israel com um poder deste mundo no modo esperado pela multidão, mas no sentido da doação de si: “o pão que Eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo” (*Jo 6, 51*). Jesus anuncia a cruz, e com a cruz a verdadeira multiplicação dos pães, o pão eucarístico – o seu modo absolutamente novo de ser rei, um modo totalmente contrário às expectativas do povo.

Nós podemos compreender como estas palavras do Mestre – que não deseja cumprir todos os dias uma multiplicação dos pães, que não quer oferecer a Israel um poder deste mundo – pareciam verdadeiramente difíceis, aliás, inaceitáveis para a multidão. “Da sua carne”: O que significa? E também para os discípulos é inaceitável o que Jesus diz neste momento. Era e é para o nosso coração, para a nossa mentalidade, um sermão “duro”, que colocava a fé à prova (cf. *Jo* 6, 60). Muitos dos discípulos se afastaram. Queriam alguém que renovasse realmente o Estado de Israel, do seu povo, e não um que dizia: “Eu dou a minha carne”. Podemos imaginar como as palavras de Jesus eram difíceis também para Pedro, que em Cesareia de Filipe se tinha oposto à profecia da cruz. E, contudo, quando Jesus perguntou aos doze: “Quereis retirar-vos vós também?”, Pedro reagiu com o impulso do seu coração

generoso, guiado pelo Espírito Santo. Em nome de todos respondeu com palavras imortais, que são também nossas: “Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna; nós cremos e conhecemos que tu és o Santo de Deus” (cf. *Jo* 6, 66-69).

Aqui, como em Cesareia, com as suas palavras Pedro começa a profissão da fé cristológica da Igreja e torna-se também o intérprete dos outros Apóstolos e também de nós, crentes de todos os tempos. Isto não significa que já tivesse compreendido o mistério de Cristo em toda a sua profundidade. A sua fé ainda estava no início, uma fé a caminho; teria chegado à verdadeira plenitude apenas mediante a experiência dos acontecimentos pascais. Mas, contudo, já era fé, aberta à realidade maior – aberta sobretudo porque não era fé em algo, era fé em Alguém: n'Ele, Cristo. Assim, também a nossa fé é sempre uma fé inicial, e devemos

percorrer ainda um longo caminho. Mas é fundamental que seja uma fé aberta e que nos deixemos guiar por Jesus, porque Ele não só conhece o Caminho, mas é o Caminho.

Mas a generosidade impetuosa de Pedro não o salvaguarda dos riscos relacionados com a debilidade humana. De resto, é o que também nós podemos reconhecer com base na nossa vida. Pedro seguiu Jesus com ímpeto, superou a prova da fé, abandonando-se a Ele. Contudo chega o momento no qual também ele cede aos receios e cai: trai o Mestre (cf. *Mc* 14, 66-72). A escola da fé não é uma marcha triunfal, mas um caminho repleto de sofrimentos e de amor, de provas e de fidelidade a ser renovada todos os dias. Pedro, que já tinha prometido fidelidade absoluta, conhece a amargura e a humilhação da renegação: o atrevido aprende à sua custa a humildade. Também Pedro deve aprender a ser

frágil e carente de perdão. Quando finalmente perde a máscara e compreende a verdade do seu coração frágil de pecador crente, cai num libertador choro de arrependimento. Depois deste choro ele já está pronto para a sua missão.

Numa manhã de Primavera esta missão ser-lhe-á confiada por Jesus ressuscitado. O encontro será na margem do lago de Tiberíades. O evangelista João narra-nos o diálogo que naquela circunstância se realiza entre Jesus e Pedro. Nele revela-se um jogo de verbos muito significativo. Em grego o verbo "filéo" expressa o amor de amizade, terno, mas não totalizante enquanto o verbo "agapáo" significa o amor sem reservas, total e incondicionado. Jesus pergunta a Pedro pela primeira vez: "Simão... tu amas-Me (*agapâs-me*)" com este amor total e incondicionado (cf. *Jo* 21, 15)? Antes da experiência da traição o Apóstolo

teria certamente respondido: “Amo-Te (*agapô-se*) incondicionalmente”. Agora, que conheceu a amarga tristeza da infidelidade, o drama da própria debilidade, diz apenas: “Senhor... tu sabes que sou deveras teu amigo (*filô-se*), isto é, “amo-te com o meu pobre amor humano”. Cristo insiste: “Simão, tu amas-Me com este amor total que Eu quero?”. E Pedro repete a resposta do seu humilde amor humano: “*Kyrie, filô-se*”, “Senhor, tu sabes que eu sou deveras teu amigo”. Pela terceira vez Jesus pergunta a Simão: “*Fileîs-me?*”, “tu amas-Me?”. Simão compreende que para Jesus é suficiente o seu pobre amor, o único de que é capaz, e, contudo, sente-se entristecido porque o Senhor teve que lhe falar daquele modo. Por isso, responde: “Senhor, Tu sabes tudo; Tu bem sabes que eu sou deveras teu amigo! (*filô-se*)”. Seria para dizer que Jesus se adaptou a Pedro, e não Pedro a Jesus! É precisamente esta adaptação

divina que dá esperança ao discípulo, que conheceu o sofrimento da infidelidade. Surge daqui a confiança que o torna capaz do seguimento até ao fim: “E Disse isso para dar a entender com que morte Pedro iria glorificar a Deus. E acrescentou: “Segue-Me”!” (*Jo 21, 19*).

A partir daquele dia Pedro “seguiu” o Mestre com a clara consciência da própria fragilidade; mas esta consciência não o desencorajou. De fato, ele sabia que podia contar com a presença do Ressuscitado. Dos ingênuos entusiasmos da adesão inicial, passando pela experiência dolorosa da negação e pelo choro da conversão, Pedro alcançou a confiança naquele Jesus que se adaptou à sua pobre capacidade de amor. E mostra assim também a nós o caminho, apesar da nossa debilidade. Sabemos que Jesus se adapta a esta nossa debilidade.

Nós seguimo-lo com a nossa capacidade de amor e sabemos que Jesus é bom e nos aceita. Para Pedro foi um longo caminho que fez dele uma testemunha de confiança, “pedra” da Igreja, porque constantemente aberto à ação do Espírito de Jesus. O próprio Pedro qualificar-se-á como “testemunha dos sofrimentos de Cristo, participante da glória que está para se revelar” (1 Pd 5, 1). Quando escreveu estas palavras já era idoso, encaminhado para a conclusão da sua vida que selou com o martírio.

Então, foi capaz de descrever a alegria verdadeira e de indicar de onde ela pode ser obtida: a fonte é Cristo acreditado e amado com a nossa fé frágil, mas sincera, apesar da nossa fragilidade. Por isso escreveu aos cristãos da sua comunidade, e di-lo também a nós: “Sem terdes visto o Senhor, vós o amais. Sem que agora o estejais

vendo, credes nele. Isto será para vós fonte de alegria inefável e gloriosa, pois obtereis aquilo em que acreditais: a vossa salvação” (1 Pd 1, 8-9).

24 de Maio de 2006

Pedro, a rocha sobre a qual Cristo fundou a Igreja

Queridos irmãos e irmãs!

Retomamos as catequese semanais que iniciamos nesta primavera. Na última, de há quinze dias, falei de Pedro como o primeiro dos Apóstolos; hoje, queremos voltar mais uma vez sobre esta grande e importante figura da Igreja. O evangelista João, narrando o primeiro encontro de Jesus com Simão, irmão de André, registra um acontecimento singular: Jesus, “olhando para ele: “Tu és Simão, filho de João. Tu te chamarás Cefas!” (que quer dizer Pedro)” (Jo 1, 42). Jesus

não costumava mudar o nome dos seus discípulos. Se excluirmos o apelativo de “filhos do trovão”, dirigido numa circunstância precisa aos filhos de Zebedeu (cf. *Mc* 3, 17) que não voltou a usar sucessivamente, Ele nunca atribuiu um novo nome a um discípulo seu. Mas fê-lo com Simão, chamando-o Cefas, nome que depois foi traduzido em grego *Petros*, em latim *Petrus*. E foi traduzido precisamente porque não era só um nome; era um “mandato” que Pedro recebia daquele modo do Senhor. O novo nome *Petrus* voltará várias vezes nos Evangelhos e terminará por substituir o nome originário, Simão.

O fato adquire relevo particular se se considera que, no Antigo Testamento, a mudança do nome anunciava em geral a designação de uma missão (cf. *Gn* 17, 5; 32, 28ss, etc.). De fato, a vontade de Cristo de atribuir a Pedro um papel especial no âmbito do

Colégio apostólico manifesta-se em numerosos indícios: em Cafarnaum o Mestre é hospedado em casa de Pedro (*Mc* 1, 29); quando a multidão se comprime nas margens do lago de Genesaré, entre as duas barcas ali ancoradas, Jesus escolhe a de Simão (*Lc* 5, 3); quando em circunstâncias particulares Jesus se faz acompanhar só por três discípulos, Pedro é sempre recordado como primeiro do grupo: assim na ressurreição da filha de Jairo (cf. *Mc* 9, 2; *Mt* 17, 1; *Lc* 9, 28), e por fim durante a agonia no Horto do Getsêmani (cf. *Mc* 14, 33; *Mt* 16, 37). E ainda: dirigem-se a Pedro os cobradores do imposto para o Templo e o Mestre paga para si e somente para ele (cf. *Mt* 17, 24-27); a quem lava primeiro os pés é a Pedro (cf. *Jo* 13, 6) e reza unicamente por ele para que não lhe venha a faltar a fé e possa depois confirmar nela os outros discípulos (cf. *Lc* 22, 30-31).

De resto, o próprio Pedro tem consciência desta sua posição particular: com frequência é ele que, em nome também dos outros, toma a palavra para pedir a explicação de uma parábola difícil (*Mt 15, 15*), ou o sentido exato de um preceito (*Mt 18, 21*) ou a promessa formal de uma recompensa (*Mt 19, 27*). Em particular, é ele quem resolve o embaraço de determinadas situações intervindo em nome de todos. E também quando Jesus, desanimado pela incompreensão da multidão depois do discurso sobre o “pão de vida”, pergunta: “Também vós quereis ir embora?”, a resposta de Pedro é peremptória: “Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna” (cf. *Jo 6, 67-69*).

Igualmente decidida é a profissão de fé que, ainda em nome dos Doze, ele faz perto de Cesareia de Filipe. A Jesus que pergunta: “Vós quem dizeis que Eu sou?”, Pedro responde: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (*Mt 16,*

15-16). Em resposta Jesus pronuncia então a declaração solene que define, de uma vez para sempre, o papel de Pedro na Igreja: “Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja... Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu” (Mt 16. 18-19). As três metáforas às quais Jesus recorre são em si muito claras: Pedro será o *fundamento rochoso* sobre o qual apoiará o edifício da Igreja; ele terá *as chaves* do Reino dos céus para abrir ou fechar a quem melhor julgar; por fim, ele poderá *ligar* ou *desligar* no sentido que poderá estabelecer ou proibir o que considerar necessário para a vida da Igreja, que é e permanece Cristo. É sempre Igreja de Cristo e não de Pedro. Deste modo, é descrito com imagens de plástica evidência o que a reflexão sucessiva qualificará com a palavra de “primazia de jurisdição”.

Esta posição de preeminência que Jesus decidiu conferir a Pedro verifica-se também depois da ressurreição: Jesus encarrega as mulheres de ir anunciar a Pedro, distintamente dos outros Apóstolos (cf. *Mc* 16, 7); Madalena vai ter com ele e com João para os informar que a pedra tinha sido afastada da entrada do sepulcro (cf. *Jo* 20, 2) e João dá-lhe a precedência quando chegam diante do túmulo vazio (cf. *Jo* 20, 4-6); será depois Pedro, entre os Apóstolos, a primeira testemunha de uma aparição do Ressuscitado (cf. *Lc* 24, 34; *1 Cor* 15, 5). Este seu papel, realçado com decisão (cf. *Jo* 20, 3-10), marca a continuidade entre a preeminência obtida no grupo apostólico e a preeminência que continuará a ter na comunidade que nasceu depois dos acontecimentos pascais, como afirma o Livro dos Atos (cf. 1, 15-26; 2, 14-40; 3, 12-26; 4, 8-12; 5, 1-11.29; 8, 14-17; 10; etc.). O seu comportamento é considerado

tão decisivo, que está no centro de observações e também de críticas (cf. *Act* 11, 1-18; *Gl* 2, 11-14). No chamado Concílio de Jerusalém Pedro desempenha uma função diretiva (cf. *Act* 15 3; *Gl* 2, 1-10), e precisamente por este seu ser como testemunha da fé autêntica o próprio Paulo reconhecerá nele uma certa qualidade de “primeiro” (cf. *1 Cor* 15, 5; *Gl* 1, 18; 2, 7s.; etc.). Depois, o fato de que vários textos-chave relativos a Pedro possam ser relacionados com o contexto da Última Ceia, na qual Cristo confere a Pedro o ministério de confirmar os irmãos (cf. *Lc* 22, 31s.), mostra como a Igreja que nasce do memorial pascal celebrado na Eucaristia tenha no ministério confiado a Pedro um dos seus elementos constitutivos.

Esta contextualização da Primazia de Pedro na Última Ceia, no momento institutivo da Eucaristia, Páscoa do Senhor, indica também o sentido

último desta Primazia: Pedro deve ser, para todos os tempos, o guardião da comunhão com Cristo; deve guiar à comunhão com Cristo; deve preocupar-se por que a rede não se rompa e assim possa perdurar a comunhão universal. Só juntos podemos estar com Cristo, que é o Senhor de todos. A responsabilidade de Pedro é garantir assim a comunhão com Cristo com a caridade de Cristo, conduzindo à realização desta caridade na vida de todos os dias. Rezemos para que a Primazia de Pedro, confiada a pobres pessoas humanas, possa ser sempre exercida neste sentido originário querido pelo Senhor e, assim, possa ser cada vez mais reconhecida no seu verdadeiro significado pelos irmãos que ainda não estão em plena comunhão conosco.

7 de Junho de 2006

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/sao-pedro-
pescador-apostolo-e-rocha/](https://opusdei.org/pt-br/article/sao-pedro-pescador-apostolo-e-rocha/) (03/04/2026)